

O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM INFANTIL

Márcio Pereira

Professor da FUNEDI/UEMG - Instituto Superior de Educação de Divinópolis – ISED, Psicólogo.

O sentido de uma palavra é a soma e todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência.

(Vygotsky, 1993, p. 5)

O surgimento da linguagem na espécie humana é um dos fatores que mais diferencia o homem do animal inferior. No animal há mais uma efusão afetiva do que comunicação. “*Um ganso amedrontado, pressentindo subitamente algum perigo, ao alertar o bando inteiro com os seus gritos não está informando aos outros aquilo que viu, mas antes contagiando-os com seu medo*”. (Vygotsky, 1993, p. 5). Assim, graças à linguagem é que o desenvolvimento da criança se torna, qualitativamente, diferente da inteligência animal. Esta diferença é determinada, fundamentalmente, pelo fato de que somente o homem pode se apropriar da experiência acumulada pela espécie humana no decurso da história.

A linguagem falada implica em um complexo aparelho anatômico-fisiológico, por meio do qual os sons são produzidos: pulmões, laringe, cavidade bucal, lábios, palato e cavidade nasal. A linguagem depende, ainda, do ponto de vista fisiológico, da articulação de áreas cerebrais progressivas pela comunicação simbólica verbal. Isto, entretanto, não é tudo, quando se quer explicar a linguagem em termos do que ela favorece ao desenvolvimento cognitivo humano.

Diferentemente dos animais, o desenvolvimento do homem conta com um outro tipo de experiência: a histórico-social, que não coincide com a experiência gerada pela filogênese (hereditariedade), nem com a experiência individual adquirida durante a vida.

Lúria (1987) diz que a necessidade de comunicação entre os indivíduos envolvidos num processo de trabalho, socialmente dividido, fez surgir, nos primórdios da humanidade, provavelmente, uma linguagem gestual para depois esta ir-se transformando numa linguagem sonora. Progressivamente, a linguagem gestual foi se separando da prática correta das ações relacionadas ao trabalho e foi-se transformando num instrumento de trocas de informações, que superava os limites do puramente sensível, passando também às formulações abstratas. Nessa perspectiva, os fundamentos da linguagem devem ser buscados nas relações sociais entre as pessoas e não na mente ou alma (como advogam alguns teóricos racionalistas e idealistas) ou nos objetos do mundo ambiente (como advogam os empiristas). A linguagem, tanto na visão filogenética (em relação ao desenvolvimento da espécie humana), quanto na visão ontogenética (desenvolvimento do homem enquanto indivíduo), é uma construção que se dá a partir das relações sociais.

A linguagem simbólica implica num sistema de signos e símbolos, de significantes e significados capazes de designar características, ações, relações e propriedades aos objetos. Assim, no caso da criança nos seus primeiros anos de vida (período sensório-motor), o que se verifica é uma fala sem pensamento e uma comunicação sem linguagem. No homem, é graças a presença da imagem mental que se torna possível, a partir de uma certa fase, a substituição do objeto pelo seu representante num sistema simbólico da linguagem. A partir do momento em que a inteligência se articula com a linguagem, as possibilidades intelectuais passam a crescer em uma progressão geométrica.

Ao utilizar a linguagem, a criança duplica o seu mundo, passando a representar os objetos através das palavras. É através da palavra que o homem se apropria da experiência acumulada dos outros homens, não precisando vivenciar, ele mesmo, todas as situações.

Por isso, a maioria das aprendizagens humanas dá-se através da transmissão oral ou escrita de experiências que se transformam, tal qual os objetos, em instrumentos do pensamento.

Através da palavra, o homem se torna capaz de analisar os objetos, abstraindo e generalizando as suas características, assim como introduz em um sistema de relações com outros objetos. Tendo as palavras o objetivo de categorizar os objetos, elas se transformam em instrumentos do pensamento e em meio de comunicação. Isto significa que, além da representação dos objetos, a palavra possui numa função conceitual que se desenvolve e se enriquece em estreita relação com a evolução dos processos psíquicos. Esta condição é que justifica o fato de a criança pequena utilizar as palavras como conceitos concretos e afetivos, a criança maior, utiliza conceitos lógicos, mas ainda concretos e, só mais tarde, utilizará conceitos lógicos abstratos.

A EVOLUÇÃO DA LINGUAGEM INFANTIL

Podemos dividir a evolução em dois grupos, que podem ser chamados egocêntrico e socializado. Ao pronunciar as frases do primeiro grupo, a criança não se preocupa em saber a quem fala e nem se é escutada. Ela fala a si mesma pelo prazer de associar qualquer coisa à sua ação imediata. Esta linguagem é egocêntrica, em primeiro lugar porque a criança não fala a não ser de si mesma, e, em segundo lugar, porque não procura colocar – se no ponto de vista do interlocutor.

Então, durante os primeiros dias de nascido, o bebê demanda a satisfação de suas necessidades básicas através do grito. Da análise do grito infantil encontra-se uma grande predominância, principalmente nos primeiros dias após o nascimento, de vogais, especialmente a vogal “A”. Mais tarde aparecem as consonantes e as combinações de consoantes e vogais. As vocalizações nos primeiros anos de vida funcionam como um jogo ou brincadeira vocal.

Aos dois meses de idade, a criança conhece e utiliza todos os sons lingüísticos que o ser humano consegue emitir. Alguns desses sons serão reforçados pelo ambiente cultural e irão compor os sons da língua falada deste ambiente. Os demais sons, não reforçados, serão esquecidos.

A partir do quarto ou quinto mês, aparece o balbucio. Nessa fase, os sons já expressam algum sentido e se caracterizam pela repetição de uma mesma sílaba várias vezes seguidas: ba-bá; má-má, bu-bu. O balbucio não é uma verdadeira forma de linguagem, uma vez que não possui o propósito de comunicação, mas uma atividade lúdica no nível sensorio-motor. O balbucio, geralmente, compõe-se de sons labiais, porque a criança repete os mesmos movimentos. O jogo vocal, repetitivo, que mais parece uma brincadeira que a criança faz com os sons, chama-se ecolalia. A ecolalia trata-se apenas da repetição de sílabas ou de palavras. A criança repete-as pelo prazer de falar, sem nenhuma preocupação de dirigir-se a alguém, nem mesmo, às vezes, de pronunciar palavras que tenham sentido.

O período pré-lingüístico se estende, aproximadamente, até o 10º mês de idade. É caracterizado, principalmente, por vocalizações incompreensíveis e, a partir dos nove meses de idade, por algumas palavras tão mal formuladas que dificilmente são compreendidas. Nesta fase pré-lingüística, as vocalizações não possuem ainda função representativa, ou seja, uma relação objetiva entre os sons, conceitos e objetos. Com o aparecimento das primeiras palavras esta função começa a se estabelecer.

Dos 10 aos 12 meses, aproximadamente, há o aparecimento da palavra-frase: holofrase. Uma única palavra, geralmente um substituto, funciona como uma frase inteira. Se uma criança diz “mamãe” isto poderá significar: “Venha aqui mamãe”. A palavra-frase ao mesmo tempo é o sujeito e predicado. Os outros termos gramaticais aparecem no gesto e na expressão fisionômica da criança. É a chamada fala sincrética, em que o comprimento médio de uma emissão é de um morfema.

É importante observar que a criança, ao utilizar suas primeiras palavras, ou ao compreender as primeiras ordens, ainda não possui uma referência objetiva, ou seja, uma relação exata entre a palavra e o objeto. O significado da palavra pode depender da situação em que se encontra a criança ou de quem pronuncia as palavras. Por exemplo, algumas crianças pequenas só entendem o que a mãe diz com determinados gestos e entonações. Assim, tanto a palavra dita pela criança ou ouvida, de início, não possuem uma referência objetiva estável, pois a palavra ainda não se separa dos gestos, das entonações, das ações. Gradativamente, a referência

objetal vai- se desenvolvendo.

Aos 15/18 meses, provavelmente, ocorre o verdadeiro início do desenvolvimento da linguagem, quando a criança passa a designar nomes para os objetos mais familiares como: mamãe, papai, nenê. Primeiro denominará as suas necessidades mais proeminentes e seus desejos mais veementes. Dará, depois, denominação às coisas do ambiente que a cerca. Em suas frases já aparecerão, na maioria das vezes, duas palavras, dois substantivos: por exemplo, “*Mamãe, bola*” (mamãe eu quero a bola). Aparecem nas suas frases os primeiros adjetivos. Isto faz com que a criança conquiste, através da palavra, um mundo novo de objetos que não está necessariamente, sob sua percepção visual imediata.

Essas primeiras sentenças de duas ou três palavras são versões telegráficas em que as preposições, conjunções, artigos, verbos auxiliares e as flexões são omitidos. A criança omite tais palavras, mas a ordem e o sentido da sentença são preservados, indicando o conhecimento de relações gramaticais básicas do sujeito, predicado e objeto.

Aos 24 meses, a criança, provavelmente, já será capaz de observar e interpretar uma figura. Dirá, por exemplo, à vista de uma figura, “*Mamãe au, au*” (Mamãe olha o cachorro). Enfim a criança se localizará no mundo, ocorrendo, a partir de então, o uso dos pronomes pessoais na primeira pessoa, como eu, meu, minha. Já fará juízo apreciativo dizendo que uma coisa é boa, má, bonita, feia, etc., fará as primeiras perguntas: “*Onde papai foi?*” Dos 2 aos 3 anos de idade, há na linguagem infantil, o aparecimento de locuções, a criança compreenderá o porquê de certas colocações, fará perguntas; conseguirá definir alguns conceitos, usará proposições condicionais, etc. Da percepção de qualquer acontecimento, conseguirá tirar uma conclusão. A criança desdobrará a frase simples em períodos compostos por coordenação e, mais tarde, utilizará subordinadas. A coordenação é anterior à subordinação por ser uma lógica de justaposição, e a subordinação exige um trabalho lógico maior. A criança, nesta fase, já poderá usar, em sua fala todas as categorias gramaticais, ainda que imprecisas.

Graças ao processo de socialização, a criança amplia o seu vocabulário, não só quanto ao número de palavras, mas também quanto à complexidade dos conceitos utilizados. E o que é mais importante nesse processo é que a linguagem, uma vez apropriada, se transforma não só em instrumento do pensamento como, também, em instrumento de regulação do próprio comportamento.

BIBLIOGRAFIA

GALVÃO, Izabel. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, (Educação e Conhecimento).

MOREIRA, Mércia e COUTINHO, Maria Tereza. *Psicologia da Educação: um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagem humanos, voltados para a educação: ênfase na abordagem construtivista*. 5 ed., Belo Horizonte: Lê, 1997.

PIAGET, Jean. *A Linguagem e o Pensamento da Criança*. 6 ed., São Paulo: Martins Fontes, 1993, (Psicologia e Pedagogia).

_____. *Seis estudos de Psicologia*. 21 ed., Rio de Janeiro: Forense, 1995.

REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, (Educação e Conhecimento).

VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, (Psicologia e Pedagogia).

WALLON, Henri. *As Origens do Pensamento na Criança*. São Paulo: Manole Ltda, 1989.

